

# ESPAÇO PÚBLICO

Os artigos publicados nesta secção respeitam a norma ortográfica escolhida pelos autores

## EDITORIAL

Público

### Venezuela, o país de um homem só

Sem sistema judicial sério, com jornalistas e opositores calados, vai o país conseguir reinventar-se?

Não é possível olhar para o futuro da Venezuela sem olhar para trás, para Hugo Chávez e para o homem escolhido como seu sucessor. Foi o vice-presidente Nicolás Maduro quem, em 2008, anunciou que “qualquer estrangeiro” que fosse à Venezuela para criticar o país seria “imediatamente expulso”. Foi de resto isso que Chávez fez ao longo dos anos a opositores, diplomatas e membros de organizações de direitos humanos.

Quando falamos de Chávez falamos, acima de tudo, de um ditador. Haverá nuances que sugerem ser um híbrido, nem democrata, nem ditador, mas um autocrata eleito. Se o seu lugar na história não se resume a isso, não se pode começar por nenhum outro lugar. Chávez investiu na educação e na saúde e melhorou a vida de milhões de pessoas,

os mais pobres, que pela primeira vez se sentiram ouvidos.

Neste momento de emoção, quando as massas choram e rezam nas ruas de Caracas, é útil olhar para os relatórios das mais respeitadas organizações internacionais de direitos humanos, que são de uma frieza que espanta. Relembrem o caso recente da juíza María Lourdes Afiuni que, após dar liberdade condicional a um opositor do regime que estava há três anos preso sem julgamento, viu Chávez chamar-lhe “bandida” e pedir que fosse condenada a 30 anos de prisão; ela foi de facto imediatamente presa, esteve detida mais de um ano e continua hoje em prisão domiciliária. E relembrem a história da telenovela *Chepe Fortuna*, que em 2011 foi suspensa depois de ter passado um episódio no qual uma personagem chamada Venezuela tinha perdido o seu cão *Huguito* e pergunta ao namorado: “O que vai ser da Venezuela sem o *Huguito*?” e ele responde: “Vais ficar livre, Venezuela”.

Durante 14 anos, Chávez concentrou o poder de uma forma despudorada, violou os mais básicos direitos humanos, manipulou a justiça e efectivamente neutralizou – quase anulou – todo o sistema judiciário.

Começou pelo Supremo Tribunal, que sempre lhe deu razão. Fechou televisões, jornais e prendeu jornalistas que publicaram notícias causadoras de “infundados medos” e “ansiedade” na população. De uma penada e ao fim de pouco tempo no poder, já intimidava e censurava abertamente todos os que se lhe opunham, usando e abusando do Estado de forma arbitrária. Tornou a Venezuela num país de imaginários “traidores”, “desestabilizadores”, “conspiradores”, “vampiros” e “agentes da CIA” que descobria em todos e cada um dos que o criticavam. Numa retórica paranóica e louca que não deixou nunca de espantar, até o cancro do presidente foi obra dos “diabólicos” inimigos americanos.

Hugo Chávez, amado e odiado na Venezuela, é um fenómeno político. Disse ter inventado o “socialismo do século XXI”, mas a receita – petróleo – teve um preço terrível na vida do país. Deixa um país dividido e com uma crise de instituições nas mãos. Um regime e um país desenhados em função de um homem só. Um grafiti recente de uma rua de Caracas resume o problema: “Abaixo o Governo, viva Chávez.”



As cartas destinadas a esta secção devem indicar o nome e a morada do autor, bem como um número telefónico de contacto. O PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e eventualmente reduzir os textos não solicitados e não prestará informação postal sobre eles. Email: [cartasdirector@publico.pt](mailto:cartasdirector@publico.pt)

Contactos do provedor do Leitor  
Email: [provedor@publico.pt](mailto:provedor@publico.pt)  
Telefone: 210 111 000

## CARTAS À DIRECTORA

### A morte de Chávez

Desapareceu uma das figuras mais carismáticas da América Latina.

Fidel Castro foi, sem dúvida, a primeira e vive ainda. Também Lula, no Brasil irmão, atingiu grande projecção internacional e enorme popularidade.

E a razão dessa quase idolatria está no empenho que os três puseram na defesa dos direitos dos mais desfavorecidos a uma vida melhor, com mais educação, trabalho e segurança social.

As medidas tomadas criaram-lhes uma inimizade mais ou menos declarada dos EUA, que há 50-60 anos dominavam política e economicamente o conjunto dos países sul-americanos. A emancipação conquistada pela quase totalidade desses países e simbolizada por aquelas figuras trouxe-lhes uma popularidade acrescida, já que os seus povos

viviam até aí em estado de exploração e miséria extremas.

Chávez desaparece, mas outros líderes vão emergindo pouco a pouco nos países irmãos, dispostos a seguirem os traços mais positivos da sua política.

Assim progride a Humanidade. *António Catita, Lisboa*

### Limpar as matas

O antigo ministro das Finanças de Francisco Pinto Balsemão e ex-dirigente da Caixa Geral de Depósitos, o economista João Salgueiro, em entrevista, pergunta “se é assim tão complicado pôr as pessoas a tratar das matas”. Os luminosos pensamentos continuam. Precisando de apoio cita o economista inglês Keynes, que dizia: “Se não sabem o que fazer ponham metade dos desempregados a abrir buracos

e a outra metade a tapá-los”. Não fica bem a um ex-ministro, político laranja, ex-dirigente de um banco, fazer tais afirmações. Isto espelha o nível da política feita por pessoas que recebem ou vão receber reformas pagas por todos os portugueses. Os desempregados que recebem ou receberam prestações sociais descontaram para isso. Não recebem uma esmola do Estado



social. Há desempregados perto da idade da reforma. Se eles podem limpar matas, por que João Salgueiro não dá o exemplo? O ex-ministro vai receber, ou recebe, uma reforma porque descontou para ela. Seguindo o seu raciocínio, ficava-lhe bem limpar algumas ervas. Se Keynes imaginasse o valor das reformas dos banqueiros portugueses, também tinha “legislado” sobre a matéria. Pergunto se é assim tão complicado a justiça portuguesa pôr os engravatados que desviaram milhões do BPN atrás das grades? Mesmo assim, eles passavam por entre o gradeamento. Sobre o tapar e destapar buracos, não haja dúvidas, alguns banqueiros sabem bem o que fazem. Tapam os buracos que os amigos abriram, sem precisarem dos ensinamentos de Keynes. *Ademar Costa, Póvoa de Varzim*